

Crianças Mascaradas

Rogério Lopes da Silva Paulino
Programa de pós-Praduação em Artes - UNICAMP
Doutorando – Or. Prof.(a) Dra. Verônica Fabrino
Bolsa FAPESP

Resumo: A presença de crianças mascaradas dividindo a cena com os adultos em diversas manifestações tradicionais brasileiras sempre me chamou a atenção. Não só pelo aspecto poético, mas por elas serem um sinal de que essas manifestações fazem parte da vida de seus integrantes desde muito cedo. A partir de observações realizadas nos últimos setes anos de trabalho de campo com os grupos de Folia de Reis de Fidalgo e Matozinhos em Minas Gerais, pretendo discutir como os pequenos foliões se iniciam na arte de *dançar as máscaras*, caracterizando uma espécie de pedagogia tradicional centrada numa ideia de um *aprender-fazendo*.

Palavras-chave: máscara, Folia de Reis, criança.

A presença de crianças mascaradas dividindo a cena com os adultos, tanto nas Folias de Reis, como em diversas outras manifestações tradicionais, sempre me chamou a atenção. Não só pelo aspecto poético e belo daquelas pequenas figuras mascaradas, mas por elas serem um sinal de que essas manifestações fazem parte da vida de seus integrantes desde muito cedo, como comprovam os seguintes relatos:

Já fui Melchior, Gaspar e Baltazar pela tradição. Da idade de seis anos que eu comecei com o Bené, comecei com seis anos. Aí com os treze anos, eu dancei de Bastião. Ai... Dancei de Guarda-Mor... Comecei a cantar a quarta voz... Tô indo, não parei mais. (Seu Jovil – mestre de Folia de Reis em Fidalgo)

Eu dancei de Benedito... Eu dancei (lembrando)... Oito anos. Até a idade de quatorze anos eu dancei. Eu com a idade de quatorze anos eu comecei a dançar o Bastião. Eu tirei a farda de Benedito num ano, no outro eu já dancei de Bastião. (Seu João Nestor – mestre de Folia de Reis em Fidalgo)

Nas Folias de Fidalgo (MG), por exemplo, os foliões começam quando criança dançando a máscara do Benezinho, que dos três Reis é considerado o mais novo. Ele pode ser chamado também de Rapazinho ou Jiló, denominações observadas, respectivamente, nas Folias de Matozinhos e Lagoa Santa, também em Minas Gerais. Seria uma espécie de máscara iniciática, para usar uma linguagem mais próxima do ritual. É através dela que os pequenos foliões se iniciam na arte de *dançar as máscaras* da Folia de Reis, aprendendo os *passos, os versos, as músicas e o jeito certo de conversar com os donos da casa*.

Os ensinamentos são repassados para as crianças durante as *jornadas* das Folias de Reis. O que diverte e, muitas vezes, até emociona, é presenciar aquelas crianças dando os primeiros passos de dança, às vezes meio desengonçados, com uma evidente dificuldade de portar as máscaras no rosto, já que elas ficam normalmente maiores, por não

serem feitas sob medida. Uma mesma máscara poderá ser utilizada por crianças de idade entre seis aos doze anos ou até um pouco mais velhos. Trata-se de uma espécie de pedagogia que pode ser observada também em outros contextos de máscaras tradicionais, como comprovam os estudos de Robert Nicholls sobre o mascaramento entre as crianças de Igede na Nigéria, segundo o qual, “estudos de aprendizagem na África tradicional aparentam ser em grande medida auto direcionados e a experiência direta e o aprender-fazendo ocorrem mais frequentemente do que o ensino formal” (2006, p. 141)¹.

Nesse “aprender-fazendo”, o Benezinho dos dois grupos de Folia de Reis de Fidalgo é orientado literalmente ao pé do ouvido pelos foliões durante a sua performance, no meio da roda. Há um grande interesse de todos em ver como o juvenzinho vai se sair. Seus possíveis “erros” não são censurados, pois seu comportamento encontra-se perfeitamente justificado através do próprio mito de origem dessa máscara, já que os foliões o consideram um rei menino. O Benezinho, assim como toda criança, ou melhor, assim como as crianças que dançam essa máscara, está em processo de aprendizagem. A condição do Benezinho, enquanto rei menino e menos experiente, se confunde com a condição do folião aprendiz, fazendo com que as ações de cada criança ao tentar aprender a dançar aquela máscara tornem-se as ações do próprio Benezinho.

Aos poucos, esses pequenos foliões vão aprimorando sua performance e descobrindo o seu jeito de dançar aquela máscara. Porém, pude notar que o objetivo principal de cada folião não é aprimorar a performance da máscara do Benezinho em si, mas sim se preparar para assumir a máscara do Bastião.

Somente após demonstrar habilidades com o Benezinho o folião poderá ser considerado apto para dançar a máscara do Bastião. Isso acontece normalmente quando o folião chega aos quatorze, quinze anos de idade. Sendo que a última etapa do seu processo de iniciação nas máscaras se dará, alguns anos mais tarde, ao assumir o Guarda-Mor, que é a máscara do rei velho; o que deve acontecer lá pelos dezoito, vinte anos, quando o folião já tiver dançado bastante o Bastião. Através dessa gradação de níveis para o aprendizado, indo das máscaras mais simples, para as mais complexas, a criança vai sendo socializada em sua arte dentro da sociedade. Sendo esse um dos termos utilizados pelos foliões para fazer referência ao conjunto de integrantes das Folias em Fidalgo.

Na Folia de Matozinhos, apesar de as crianças estarem sempre presentes, é menos comum vê-las fardadas, ou seja, utilizando a máscara e a roupa de um dos Reis Magos. Ainda assim, a máscara do Rapazinho, que corresponderia ao Benezinho de Fidalgo, continua cumprindo o mesmo papel de iniciação. O fato de ser uma máscara com menos obrigações rituais que as outras duas e de ter uma participação menor, permite que

¹ Original em Inglês: “studies of learning in traditional Africa show it to be largely self-directed, and direct experience and learning-by-doing occurs more often than teaching” (Nicholls, 2006, p. 141).

os iniciantes, sejam eles crianças ou não, estejam mais livres e à vontade para experimentar. Isso facilita que novos integrantes da Folia se aventurem no mascaramento, pois sabem que não é tão grave cometer algum deslize, já que esse é um comportamento aceito para essa máscara. No meu caso, a única vez que aceitei o recorrente convite dos foliões para fardar, o fiz dançando a máscara do Rapazinho.

Em Matozinhos, se os foliões perceberem que algum dos iniciantes na máscara do Rapazinho está adquirindo mais segurança, eles poderão aumentar o grau de exigência, fazendo com que ele fique mais tempo dançando sozinho diante do dono da casa, por exemplo. Esse tipo de procedimento, além de testar sua resistência física, ainda permite que o folião se aprimore no seu ofício. O Rapazinho/folião se mantém em estado de alerta, pois sabe que, apesar da tolerância em relação a essa máscara, todos os seus companheiros estão prontos para rir ao primeiro deslize cometido.

É nessa brincadeira que os pequenos foliões vão crescendo e mesmo depois de adultos continuam a brincar, já que eles costumam chamar o seu ofício de brinquedo e a sua função de brincante, denominações recorrentes em diversas manifestações tradicionais brasileiras. O envolvimento de cada folião com o seu fazer se assemelha, guardadas as devidas proporções, com a forma como uma criança se envolve numa brincadeira. De acordo com Lewinsohn (2009, p. 28),

o brincar permite à criança um estado de inteireza, permite um espaço livre onde são colocadas todas as suas subjetividades de maneira lúdica. (...) a criança, ao brincar, não se concentra por obrigação. Ela se concentra porque está natural e inteiramente envolvida com a brincadeira. Ou seja, seu mundo interno está em diálogo profundo com seu mundo externo. O ato de brincar provoca uma entrega, um deixar ser.

Ou seja, entre os foliões, parece que, mesmo depois de adultos, é a perspectiva da criança que prevalece.

Talvez por isso, os mestres considerem que colocar as crianças em contato com as manifestações desde cedo é umas das principais estratégias para perpetuar os elementos dessas tradições. Pois assim, o pequeno folião é inserido de forma lúdica e acostuma a se relacionar com o seu fazer de forma descontraída e aos poucos vai assimilando o conhecimento tradicional². A diferença é que quando adulto, o folião torna-se consciente de sua responsabilidade e do seu compromisso perante seus companheiros de jornada e dos Santos Reis.

² O que torna um conhecimento “tradicional”, de acordo com Wolff, “(...) é a maneira como ele está associado a um determinado local ou comunidade e o fato de constituir-se no resultado de uma longa experiência coletiva. Nesse sentido, ele seria ‘criado, preservado, compartilhado e protegido dentro do círculo tradicional’, ou seja, ‘passado de geração para geração’” (Teixeira, 2004:191).

Este artigo, por sua vez, parece ser uma prova de que a estratégia dos mestres de valorizarem a participação das crianças funciona bastante, já que a pesquisa que deu origem a este artigo surgiu também das impressões que tive, ainda criança, quando pude participar pela primeira vez de uma Folia de Reis³. Se considerarmos que o registro e o estudo dessas manifestações contribuem para uma valorização e sensibilização da sociedade e do poder público para a necessidade de políticas públicas que deem suporte para a manutenção das mesmas, acredito também estar contribuindo de alguma forma para a continuidade de uma tradição que conheci ainda quando criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEWINSOHN, Ana Caldas. *O Ator Brincante: no Contexto do Teatro de Rua e do Cavalo Marinho*. Dissertação (Mestrado em Artes) - IA/UNICAMP, Campinas, 2009.

NICHOLLS, Robert W. Omepa and Onyeweh Childre's Masquerades. In: OTTENBERG, Simon & BINKLEY, David, (Ed.) *Playful performers: African children's masquerades*. New Brunswick (USA) and London (UK): Transaction Publishers, 2006. pp 129-141.

TEIXEIRA, João Gabriel L. C. et al, org. *Patrimônio Imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização*. Brasília: UNB, 2004.

³ Este artigo é parte dos resultados a serem apresentados na tese "O ator e o folião no jogo das máscaras da Folia de Reis" que está em fase de finalização.